



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

MARIA RENALE DE MELO ARAÚJO

**UM ESTUDO SOBRE A ORIGEM E A CULTURA DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS
ATRAVÉS DO CORDEL “DONA INÊS. FILHA DE UMA PAIXÃO”, DE MARIANO
FERREIRA DA COSTA**

**GUARABIRA - PB
2018**

MARIA RENALE DE MELO ARAÚJO

**ESTUDO SOBRE A ORIGEM E A CULTURA DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS
ATRAVÉS DO CORDEL “DONA INÊS. FILHA DE UMA PAIXÃO”, DE MARIANO
FERREIRA DA COSTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura, Cultura popular

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658e Araújo, Maria Renale de Melo.
Um estudo sobre a origem e a cultura do município de Dona Inês através do Cordel "Dona Inês. Filha de uma paixão, de Mariano Ferreira da Costa [manuscrito] / Maria Renale de Melo Araújo. - 2018.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura. 2. Cultura popular. 3. Dona Inês - PB. I. Título
21. ed. CDD 306

MARIA RENALE DE MELO ARAÚJO

UM ESTUDO SOBRE A ORIGEM E A CULTURA DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS
ATRAVÉS DO CORDEL "DONA INÊS. FILHA DE UMA PAIXÃO", DE MARIANO
FERREIRA DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras-Português, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura, cultura
popular.

Aprovada em: 29/11/18.

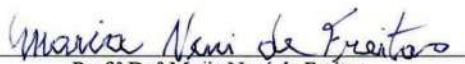
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. João Batista Teixeira
Faculdade Maciço de Baturité - CE



Prof.ª Dr.ª Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, por todas as vezes que segurou em minha mão durante essa caminhada, à minha mãe e a meu pai, por todo incentivo e dedicação, ao meu esposo Jameson, pelo companheirismo e amizade, aos meus queridos irmãos, e à minha amada vó Rita, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, por sua total dedicação e disponibilidade para comigo, sempre que precisei do seu auxílio.

À minha mãe, Maria Eunice de Lima, ao meu pai, Luis Renato de Melo, à minha avó, Rita Josefa Da Conceição, ao meu esposo, Jameson Santos de Araújo, por todos os seus conselhos e pensamentos positivos, e aos meus irmãos, Renan, Ryan e Sueli, por compreenderem minha ausência nas reuniões familiares e à uma amiga em especial, Andreia, por todas as vezes que me orientou a trilhar sempre pelos melhores caminhos na vida acadêmica.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, Eduardo Henrique Cirilo Valones, Maria de Fátima Aquino, Iara Martins e Není, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Marcieli e Berg Ginú, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos meus colegas de classe, em especial à Núbia Correa Martins e à Claudeilza Barbosa, pelos momentos de amizade e apoio durante todo o percurso em que estudamos juntas, serei eternamente grata.

“Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro”.

Albert Camus

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 HISTÓRIA OFICIAL DA CIDADE	16
3 UMA BREVE CONCEITUAÇÃO SOBRE CULTURA E ASPECTOS ESSENCIAIS PARA SUA CONSTRUÇÃO.....	18
3.1 Cultura Popular	22
4 O NORDESTE: BERÇO DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....	23
5 LITERATURA DE CORDEL COMO MANIFESTAÇÃO CONSTITUTIVA DA CULTURA DENOMINADA POPULAR	18
6 POESIA ÉPICA	19
7 O CORDELISTA MARIANO FERREIRA DA COSTA	28
8 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	29
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

UM ESTUDO SOBRE A ORIGEM E A CULTURA DO MUNICÍPIO DE DONA INÊS
ATRAVÉS DO CORDEL “DONA INÊS, FILHA DE UMA PAIXÃO”, DE MARIANO
FERREIRA DA COSTA

Maria Renale de Melo Araújo¹

RESUMO

A Literatura de cordel é uma das mais diversas formas de propagação da Cultura popular nordestina através da literatura. Observando sua importância, o presente trabalho versa apresentar um estudo histórico e cultural sobre o município de Dona Inês, na Paraíba, através do cordel intitulado “Dona Inês, Filha de uma paixão”, de Mariano Ferreira da Costa. Para realização dessa pesquisa, foi necessário uma pesquisa de campo a fim de coletar dados, e também contamos com auxílio bibliográfico para sua construção, para tanto, tomamos como aporte teórico Laraia (2006), Luciano (2012), Diégues (1983) e Cuche (1999). Essa pesquisa visa promover a literatura de cordel como importante fonte histórica popular, exibindo também sua importância para nosso município enquanto aspecto relevante para a construção cultural do nosso povo.

Palavras-chave: Cultura. Cultura popular. Cordel.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, mesmo sendo uma modalidade literária introduzida há muitos anos no Brasil, inicialmente no Nordeste e garantindo aqui sua força, é uma literatura ainda não muito estudada, o que nos causa certo desconhecimento sobre sua grande importância enquanto fonte cultural dos saberes populares do nosso povo.

Este artigo apresenta um estudo histórico e cultural sobre o município de Dona Inês, na Paraíba, através do cordel intitulado “Dona Inês. Filha de uma paixão”, de Mariano Ferreira da Costa, visando, assim, promover a Literatura de cordel como aspecto contribuinte para o enriquecimento da cultura brasileira, cultura popular nordestina, e, em especial, a cultura do município de Dona Inês, na Paraíba.

Para a realização dessa pesquisa, foi necessário ir a campo coletar dados e também contamos com auxílio bibliográfico para sua construção, tomamos como aporte teórico Laraia (2006), Luciano (2012), Diégues (1983) e Cuche (1999). Para tanto, faz-se necessário afirmar que, a partir dessa pesquisa, se tornou possível caracterizar o cordel “Dona Inês, filha de uma

¹ Aluna de Graduação em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: renalemelo3@gmail.com

paixão” como fonte de pesquisa histórica e cultural do referido município, por meio do qual teremos a oportunidade de conhecer aspectos constitutivos de sua história, através dos versos do cordelista Mariano Ferreira da Costa, que trazem desde relatos de seu surgimento a aspectos naturais, culturais e atuais do município em questão.

O cordel “Dona Inês.Filha de uma paixão” foi publicado no ano de 2015 e faz parte do Projeto: *Implantando cordeltecias em escolas públicas de Dona Inês*. Seleccionamos esse cordel, dentre tantos outros, justamente pela sua relevância enquanto aspecto constitutivo histórico e cultural para o estudo em questão.

A história contada em versos exhibe, de início, um romance muito forte entre Inês e o seu companheiro de viagem, cujo amor fez com que os dois saíssem sem destino, com a certeza de viver um grande amor.

Buscamos, nesta pesquisa, dar ênfase à cultura em um sentido mais abrangente e, em especial, à cultura popular. Dentro da cultura popular, a Literatura de cordel, apontando, na literatura, a importância dessas culturas para a construção e o desenvolvimento de qualquer povo, em especial, do povo donainense.

Como a cultura é tida como ponte para diferenciarmos uns dos outros, buscamos apontar o cordel, nessa análise, como aspecto fundamental e mediador, funcionando como ponte de acesso à história de nosso município, possibilitando-nos exibir essa literatura de cordel como ponte constituinte entre a literatura e a história de nosso município.

2 HISTÓRIA OFICIAL DA CIDADE

Dona Inês é uma cidade pacata, localizada na microrregião do Curimataú Oriental do Estado da Paraíba, conta, atualmente, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com 10. 517 habitantes. Segundo dados do site oficial da Prefeitura do Município², a origem do nome se deu devido a um acontecimento que houve por volta de 1800, quando vaqueiros saíram em busca de reses perdidas e se depararam com uma mulher branca, de nome Inês, acompanhada de uma pessoa negra, acampada provisoriamente próximo ao Lajedo do Cajueiro. Ainda segundo relatos dos moradores, essa moça era aparentemente fina, bonita, porém vista essa única vez, sua passagem tornou-se muito significativa para todos os municípios, ficando marcada sua passagem para todo o sempre na história do município de Dona Inês, que recebeu seu nome em sua homenagem.

² Cf. < <http://www.pmdonaines.pb.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Ainda segundo estudos levantados no ano de 1852, época em que Dona Inês ainda pertencia a Bananeiras, acredita-se que o povoamento da cidade de Dona Inês se deu muito mais cedo do que as informações dos registros oficiais, suposição sustentada pelo fato de que já existia várias cidades vizinhas muito antes de seu surgimento.

Segundo dados do site da Prefeitura Municipal, imagina-se que na Serra habitavam índios da nação potiguar, haja vista que temos sinais rupestres grafados na Pedra do Letreiro, localizada no Riacho da Serra. Acredita-se que Dona Inês não conseguiu se desenvolver, assim como as demais cidades vizinhas, porque pertencíamos a Bananeiras e não éramos assistidos como deveríamos. A cidade de Bananeiras funcionava como uma espécie de metrópole, o que, conseqüentemente, alavancou o seu desenvolvimento, uma vez que sua localização, clima, além da água farta, colaboravam muito para que isso acontecesse.

Acredita-se, também, que os primeiros habitantes do município, os senhores Pedro Teodoro da Silva, José Paulino da Costa e Pedro José Teixeira, sobre os quais ouviremos falar no cordel em estudo, trouxeram para cá suas famílias e batizaram o lugarejo como “Serra de Dona Inês”. Com base nos relatos orais e pelo o que se sabe, havia outras famílias bem antigas também na zona rural, como os Ferreira e os Gomes, no sítio Queimadas.

Observa-se que José Tomaz de Aquino e Luís Pedro da Costa, vereadores de Bananeiras, atuantes de 1947 a 1951, ambos donaineisenses, foram de suma importância para que nos tornássemos independentes, essa luta estendeu-se por toda a década de 50.

Segundo relatos dos moradores mais antigos, acredita-se que, por volta de 1959, ano de nossa emancipação, a cidade tinha uma média de 277 residências, com pouco mais de 600 habitantes, era um lugar bem povoado para a época, porém pobre economicamente, pois por aqui não existia praticamente nenhum comércio local, o modo de subsistência era derivado da agricultura, havia produção de feijão, mandioca, fava e milho, e também a produção de algodão, sisal, entre outros, que eram considerados um ponto forte na composição da renda das famílias que por aqui residiam.

Dessa época, podemos elencar várias famílias que auxiliaram na formação da sociedade donainesense, dentre as quais podemos citar o professor Odilon, o senhor Francisco Enedino, Antônio Pereira, Joaquim Lucas, Zé Birro, José Maia entre outros.

De acordo ainda com informações do site oficial do Município, podemos observar que devido à falta de assistência por parte de Bananeiras e pela necessidade de ampliação no comércio e educação, José Tomaz de Aquino e os vereadores Manoel Leonel da Costa e Luiz Pedro Costa reuniram-se aos vereadores representantes do distrito de Borborema e conseguiram aprovar na Câmara de Bananeiras a Resolução n. 36, de 17 de abril de 1959, que

possibilitou o desmembramento do distrito de Dona Inês. Assim, em 17 de novembro de 1959, Dona Inês adquire sua emancipação, tornando-se independente, distando já 60 anos desse fato.

3 UMA BREVE CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE CULTURA E ASPECTOS ESSENCIAIS PARA SUA CONSTRUÇÃO

Ao pensarmos em discutir o termo cultura nos deparamos com um amplo campo de definições, os primeiros estudos surgiram a partir do momento em que se observou a necessidade de analisar o comportamento e a maneira como viviam os povos. Laraia (2001) nos mostra que as primeiras preocupações surgiram um pouco antes de Cristo, dizendo:

Claude Lévi-Strauss, o mais destacado antropólogo francês, considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para Lévi-Strauss, esta seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas. Todas elas proíbem a relação sexual de um homem com certas categorias de mulheres (entre nós, a mãe, a filha e a irmã). (LARAIA, 2001, p. 54)

Para o antropólogo, a contrapartida para o que podemos tomar como pontapé inicial para inferir como primeiras curiosidades a respeito da cultura teve início a partir do momento em que houve a necessidade de implantar transformações comportamentais, o que culminou, segundo o antropólogo, na noção entre certo e errado, deixando de ser comum o casamento entre pessoas de mesma linhagem sanguínea (irmãos e pais), acreditando que, após o estabelecimento dessa diferenciação entre as comunidades, esse registro histórico tenha sido um passo significativo para a formação cultural.

Com base em estudos já realizados, as pesquisas preliminares sobre cultura datam quatro séculos antes de Cristo, quando Confúcio, em um enunciado, se referiu à cultura dizendo que “A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados”, exibindo os costumes e suas ações como aspectos fundamentais para a seleção e diferenciação dos indivíduos.

A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento. (CAMPORI, 2008, p. 78-79)

Campori (2008) exhibe-a como aspecto identitário de um povo, o que está em harmonia com o pensamento de Confúcio, trazendo a cultura como característica que nos diferencia, e nos torna únicos dentro de uma sociedade, e, ao mesmo tempo, como espaço apropriado para o que entendemos por diversidade cultural, dando-nos a dimensão da importância de conservarmos nossa cultura, exibindo-a como aspecto singularizador, que assume o papel de tornar-nos únicos diante de outras culturas, que não as nossas.

Ainda segundo esses estudos, podemos observar que no século V antes da era cristã, já existiam também pesquisas a respeito do termo cultura. A partir do momento em que Heródoto, conhecido como “Pai da história”, preocupou-se em observar os Lícios, cuja sociedade era designada patrilinear, ou seja, consideravam parentes apenas aqueles que eram irmãos dos seus pais, e observou a forma de cultura deles, que, mesmo diante de outras, ainda permaneciam apegados as suas.

Tendo em vista estas e outras curiosidades iniciais em observar os costumes e o modo como as pessoas viviam e se relacionavam na época, observamos que uma nova preocupação em estudar a cultura surgiu quando Tácito, também historiador, ao escrever sobre os povos germânicos, dedicou-se a observar a forma como aconteciam os casamentos, afirmando que aqueles que tivessem mais poderes aquisitivos teriam direito a mais mulheres. Entende-se, por sua vez, que não casavam por amor, e sim através de dotes ofertado às mulheres, quanto mais poder aquisitivo, quanto mais dotes, mais mulheres. Podemos observar, então, que o termo cultura não começou a ser estudado do nada, é extrato de muitas observações e pesquisas, para depois de muito tempo tentarmos limitar o que podemos inferir a um termo ainda tão abrangente.

Outro episódio mais recente sobre registros e estudos culturais, de grande valia para nosso país, é a famosa carta de *Pero Vaz de Caminha*, que em sua primeira viagem realizada ao Brasil, ao se deparar com os nativos, busca descrevê-los como pessoas inocentes, que não se preocupavam com as vestes, mostrando que andavam limpos, o que também não deixava de ser uma forma cultural daquele povo. Consideramos, portanto, pertinentes todos esses aspectos que são essenciais para chegarmos a uma discussão maior sobre o que é cultura.

No livro *Cultura: Um conceito antropológico*, Laraia traz reflexões acerca de teorias que explicam o conceito de cultura pelo viés do determinismo biológico:

As teorias que atribuem capacidades específicas inatas a "raças" ou a outros grupos humanos. Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes do que os negros; que os alemães têm mais habilidade para a mecânica; que os judeus são avaros e negociantes; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; que os portugueses são

muito trabalhadores e pouco inteligentes; que os japoneses são trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto, e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses. (LARAIA, 2001, p. 17)

Tais teorias exibem o determinismo biológico como fator importante para o desenvolvimento cultural, cujas teorias configuram o desenvolvimento da mesma como capacidade inata, pertencente a determinados grupos étnicos, o que gerou discussões entre os antropólogos, que nos dão a ideia de que o determinismo biológico diretamente na cultura e no modo como vivem. Contrariando essa ideia, conforme menciona Laraia (2001), Felix Keesing, declara que “não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado”. Felix quis dizer que o ser humano se adapta de acordo com suas necessidades, uma vez colocada no início de sua formação psicológica e cultural, acredita-se que a criança não possa herdar nada da cultura a qual seus pais pertenceram.

Por sua vez, estudos desenvolvidos por geógrafos, entre os séculos XIX e XX, caracterizaram o determinismo geográfico como fator contribuinte e que influenciara fortemente essa diversidade cultural, levando-nos a entender que o sujeito é produto de onde vive, ou seja, o ambiente no qual o indivíduo está presente pode influenciar fortemente o desenvolvimento de sua cultura, o que nos faz acreditar em subdivisões culturais, de acordo com as divisões geográficas, o que certamente contradiz o antropólogo Kroeber e Boas, Pois que nos permite contrariar essa ideia, afirmando que há sim a possibilidade de em um ambiente físico haver mais de uma cultura.

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. (LARAIA, 2001, p. 24)

Portanto, de acordo com esse pensamento, é possível atestar que podem existir várias espécies de culturas em um determinado lugar, levando em consideração que é possível que cada indivíduo tenha uma cultura diferenciada e que desenvolva sua própria cultura dentro de um mesmo ambiente.

Tratando-se ainda de cultura, Laraia (2001) diz que uma definição inicial foi apresentada por Edward Tylor, e que é ainda umas das mais utilizadas nos dias atuais, cuja afirmação consiste em relacionar cultura a toda produção de “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, atribuindo todas essas realizações ao que associamos atualmente à cultura, o que, de certo modo, ganha mais força com as afirmações do antropólogo Leslie (2009), quando nos diz que “para compreender a origem da cultura é necessário compreender o homem, e para compreender as funções da cultura é necessário compreender o homem”. No nosso entender, o homem, segundo podemos inferir do excerto acima, é posto como total responsável pela cultura da qual faz parte, como o sujeito determinante, ainda estabelecendo homem e cultura como sendo indissociáveis, sustentando a ideia de que não existe povo sem cultura, e nem cultura sem povo. Partindo desse pressuposto, é importante evidenciar o fato de que homem e cultura andam lado a lado.

A cultura é o conjunto de formas e expressões que caracterizarão no tempo uma sociedade determinada. Pelo conjunto de formas e expressões, entendem-se e incluem-se os costumes, crenças, práticas comuns, regras, normas, códigos, vestimentas, religiões, rituais e maneiras de ser que predominam na maioria das pessoas que a integram. (SOUZA, 2014. p. 11)

Portanto, vendo por esse lado, podemos nos referir à cultura como processo histórico, responsável pela caracterização de gestos, modos de vida, que vai ficando para trás à medida que vai surgindo a necessidade de transformações desses costumes, dando espaço para hábitos culturais novos ou aprimorados.

Cultura tem um significado muito abrangente quando relacionado à civilização, pois inclui várias (manifestações) situações praticadas por um povo, que, por sua vez, são pertinentes para seu entendimento.

Podemos relacioná-la a um processo crescente e acumulativo, uma vez que o homem adquire, transforma e transfere o que foi adquirido. No entanto, é possível imaginar que cada sociedade tenha seus costumes, suas crenças e seus modos, e isso justifica o fato de diferentes grupos, dentro de uma mesma sociedade, terem a possibilidade de possuir uma subcultura diferenciada. A cultura também é uma realização não estável, aberta a transformações, de acordo com o tempo, caracterizada como não homogênea, à medida que a cultura sofre transformações, não apresentando uniformidade. Uma cultura varia de lugar para lugar, de acordo com seus povos, costumes e tradições.

Ao estudar sobre o surgimento, primeiros estudos e o conceito de cultura, se faz necessário observar umas de suas particularidades, a qual é fundamental para construção de nosso trabalho, o conceito até aqui definido foi tratado em um sentido geral, fiquemos agora com o próximo tópico, no qual iremos tratar de um segmento de cultura mais focal, denominado de cultura popular.

3.1 Cultura Popular

O termo cultura popular foi utilizado pela primeira vez no século XVIII, na Alemanha, por Herder (Kultur des volkes), o qual atribuía a cultura popular não como algo valorativo, mas como algo diferente, o que coloca em voga associar erroneamente a cultura popular como uma subcultura frente a outras que ocupam um posto mais elevado. Ao definir cultura popular ou saber tradicional dessa forma, é como se determinássemos como uma cultura pertencente a classes subalternas, classificando-a como saber retardatário, que não evolui.

É comum os teóricos utilizarem o termo cultura popular para designar uma espécie de cultura que manifesta-se apenas no período moderno, definindo neste sentido, uma cultura distinta do folclore e também da alta cultura, justificando-a como uma cultura intensa e resistente diante da dominante, o que, de certo modo, a diferencia das demais.

Para alguns, pensar em cultura popular é também pensar em manifestações folclóricas, e para outros, cultura popular está dentro do que conhecemos por cultura de massa, no entanto, cultura popular é uma espécie de ramificação cultural que se encontra dentro do que conhecemos por cultura, a qual envolve uma definição em um sentido amplo, cultura popular é, portanto, uma denominação inclusa em uma cultura ampla e diversificada.

Anthony Giddens (2006) conceitua cultura popular como algo que é criado para atingir grandes públicos, a exemplo de filmes populares, shows, músicas, vídeos e programas de TV, ou seja, para Giddens, a cultura popular, neste sentido, assume o papel de uma cultura acessível e sem restrições de público, já para outros sociólogos, cultura popular é entendida como uma manifestação cultural que é produto de um povo que participa ativamente, subentende-se, então, cultura popular como sendo um processo resultante de uma interação cultural de pessoas de determinadas regiões para com outras.

Buscar delimitar o que pode se entender por cultura popular é uma tarefa muito difícil, uma vez que é uma cultura vinda do povo, e que envolve uma série de produções culturais do povo.

“cultura popular” está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela antropologia social [...] são muitos os significados e bastante heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre. (ARANTES, 1985, p. 7)

Sendo, então, uma expressão que envolve muitas produções artísticas, fica difícil se ater a apenas uma espécie de produção para suprir seu significado, seu amplo campo de realizações exige de nós um esforço árduo para delimitarmos o que, de fato, é pertencente à cultura popular. Quando falamos em cultura popular, muitas vezes, temos a ideia de uma cultura de valor inferior frente a outras culturas, a exemplo da cultura erudita.

Quando buscamos referenciar cultura popular, sempre nos deixou a entender como cultura de menos valor diante de outras culturas de caráter dominante, o que, com certeza, é um pensamento errôneo, pois é impossível considerar uma cultura como tendo um valor inferior a outras, ora, se cada uma contribui para o que temos por variações culturais, então por que pensar desse modo?

Cuche (1999, p.?) associa cultura popular a uma cultura em situação de dominação, “que se constrói e reconstrói”, mas acredita que, mesmo sendo denominada como uma cultura dominada, é uma cultura simplesmente inteira, uma vez que apresenta características autênticas, as quais dão o sentido de sua própria existência, e que, conseqüentemente, por sua legitimidade, devíamos considerar como cultura apenas.

4 O NORDESTE: BERÇO DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Literatura de cordel é a designação utilizada pelos cordelistas para nomear as suas construções literárias. Essa modalidade literária foi trazida para o Brasil no século XVIII, através dos portugueses. Sabe-se que “Cordel” tem sua origem associada à palavra “cordão”, acredita-se, então, que esse tipo de literatura recebeu esse nome tão somente por ser comercializada pendurada em cordões.

Recebendo de Portugal essa denominação de literatura de cordel, aqui no Brasil tratou-se de mantê-la sem um estudo aprofundado a seu respeito, sem uma preocupação maior com a sua história, e que, de certo modo, ficou convencionado dessa forma. Para alguns críticos da literatura de cordel, essa denominação não é a mais precisa, justamente porque outras escritas literárias também eram comercializadas em cordões.

O cordel chegou ao Brasil por intermédio dos colonizadores. Nesse período, o cordel era denominado, em outros países, a exemplo de Portugal, como “folhas soltas”, na França “Littérature de Colportage” e, à medida que foi introduzido no Brasil, passou a ser conhecido

como Folheto de Feira ou Literatura Popular em versos. Podemos observar certa semelhança entre as conceituações dos estudiosos a respeito da sua origem, enquanto influência portuguesa, e podemos mencionar o nordeste como palco inicial para o cordel, como uma espécie de berçário desse tipo de literatura no Brasil, que, posteriormente, foi difundida em outras regiões do Brasil.

De como e quando, exatamente, a poesia popular fixada em folhetos passou a ser chamada Literatura de Cordel não há pistas conhecidas. Possivelmente a expressão surgiu e vingou através dos estudiosos que passaram a interessar-se pelos poetas dos folhetos, conhecedores por sua vez da produção lusa da mesma categoria quanto ao consumo popular e à apresentação gráfica. (PEREGRINO, 1984, p. 18-19)

Para Estudiosos como Peregrino, permanece a incerteza de onde e por que fora atribuído esse nome “Literatura de cordel”. Supõe-se que originou-se pela forma como os folhetos eram comercializados, e que essa expressão foi, de início, utilizada pelos lusitanos, que acabou se convencionando e sendo utilizada até os dias de hoje no Brasil, no entanto, há vários autores que associam o nome literatura de cordel a uma literatura vendida em cordões, a exemplo de Hélder Pinheiro:

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, numa aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos a preços baixos, pendurados em barbantes. (PINHEIRO, 2001, p. 13)

Como podemos observar, Sebastião Nunes Batista, também estudioso da área, conceitua Literatura de cordel da seguinte forma:

Como sabemos, o nome “Literatura de Cordel” é dado aos folhetos porque eles eram expostos à venda dependurados em barbantes ou cordéis. Tal denominação já era usada em Portugal... (BATISTA, 1977, p. XXIII).

Quanto à sua forma, o cordel é uma modalidade de escrita rimada, atualmente é considerado uma mídia popular, podemos considerá-lo também como uma das principais fontes de informações no período de seu surgimento no Brasil, em uma época em que não havia muitas tecnologias, cuja função era transmitir informações de diversos temas. Assim como nos dias de hoje, as estrofes mais utilizadas são a de dez, oito e seis versos, têm suas ilustrações realizadas através do processo de xilogravura, que antes tais imagens eram talhadas em uma madeira especial. Atualmente, a xilogravura passa pelo mesmo processo dos demais livros (impressão), deixando a técnica antiga um pouco de lado.

O cordel, para Luciano (2012, p.28), não é uma modalidade oral. De acordo com seus estudos, seria errôneo procurarmos vinculá-lo “ao produto oral dos cantadores e repentistas”, ou simplesmente associá-lo a essa modalidade. O autor aponta o cordel e o repente como contrários em todos os sentidos, exibindo uma única relação entre eles, que muitos repentistas também podem ser cordelistas, alertando-nos sobre a inexistência de cordel oral.

Muitos estudiosos confundem a poesia dos cantadores repentistas nordestinos com a Literatura de Cordel. Certo que sejam irmãs. E como todos os irmãos, sejam, também, diferentes. Os poetas cordelistas raramente são repentistas ou glosadores. São poetas da letra, conhecidos como poetas de bancada, sofrendo inclusive algum preconceito por parte daqueles. O repente é obra de momento, é construção oral cuja maior característica é ser efêmero, fruto do improviso. Daí porque são famosos os desafios e pejejas, nos quais dois cantadores se debatem em criações e trava-línguas, em perguntas e respostas. (LUCIANO, 2012, p. 28)

Com base no excerto acima, é possível imaginar que haja confusão em tentarmos distinguir a poesia oral da poesia escrita (cordel), levando em consideração as muitas semelhanças apresentadas, o que o estudioso nos mostra é a possibilidade de diferenciá-las, na medida em que o repente caracteriza-se pela sua brevidade, por também ser fruto do improviso e pela presença da oralidade, por poder ser realizado acompanhado com algum instrumento, diferentemente do cordel, que é escrito, mas pode também ser cantado, contendo traços da oralidade, contudo, não é fruto de improviso como é o repente.

A confirmação da força que tinha o cordel no nordeste é o fato de termos os primeiros nomes dessa literatura em solo nordestino, a exemplo de Leandro Gomes de Barros, nascido em Pombal, na Paraíba, Silvino Pirauá, na Serra do Teixeira, dando-nos a dimensão da importância do nordeste enquanto ventre que estimulou e propiciou a difusão do cordel nas demais regiões. Podemos destacar a grande importância dessa modalidade literária para informar, denunciar e tratar de questões que variavam desde assuntos como mitos, questões políticas, históricas, biográficas, e até mesmo questões conflitantes entre sertão e cidade, entre outras mais diversas formas de manifestar essa arte.

No Nordeste, retomemos o assunto, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação cultural contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (DIÉGUES JUNIOR, 1973, p. 12)

Diegues Júnior atribui ao nordeste a responsabilidade de ter servido como suporte para sua difusão, pelo fato de possuir um ambiente propício para sua propagação, exibindo alguns aspectos tidos como essenciais para tais feitos, dentre elas o fato de os cantadores da época buscarem através de suas poesias externar pensamentos em prol de um grupo. Para Diegues (1973), os cordéis derivaram da inspiração que o nordeste garantiu, dando ao cordel nordestino suas particularidades.

5 LITERATURA DE CORDEL COMO MANIFESTAÇÃO CONSTITUTIVA DA CULTURA DENOMINADA POPULAR

É importante destacar a função e o espaço que o cordel ocupa no campo literário, atribuindo-nos a consciência de seu valor literário e histórico, enquanto cultura trazida, ampliada e modificada para o Brasil, para tanto, Aderaldo Luciano nos faz refletir sobre o que rotulamos de cultura popular.

Para nós existirá Literatura. Não haverá, pois, para nós, poesia popular, a cuja abrangência reservou-se vincular o cordel. Essa distinção, segundo percebemos, reside na forma preconceituosa e excludente com que as elites intelectuais sempre trataram as produções que não saíssem de suas lides ou que não seguissem seus ditames. Popular seria aquela poesia produzida pelo “povo”, os não letrados, os trabalhadores rurais, os habitantes dos guetos. Erudita seria aquela produzida pela elite intelectual, frequentadora da escola e detentora do poder econômico. (LUCIANO, 2012, p. 17)

Podemos observar a forte crítica exercida por Luciano no que diz respeito à forma como se distinguem as expressões literatura erudita e literatura popular:

Os autores de cordel formam desse lado, do lado chamado “popular”. Formam desse lado não porque queiram, tão somente porque lhes foi reservado esse lugar. Reservado, é claro, por quem está do outro lado. Os primeiros pesquisadores do cordel, e mesmo os contemporâneos, sempre se agarraram a essa divisão. Em todas as tentativas de conceituação ou definição de cordel ela está presente. Ouvimo-las até dos próprios poetas, tão entranhada está a distinção. E muitos se sentem orgulhosos em assumir a designação. Não é o termo a nos incomodar, tão somente sua carga política. Popular não porque vem do povo. (LUCIANO, 2012, p. 20)

É importante destacar a forte contribuição da utilização de tal designação para a poesia de cordel, o que corrobora, de certo modo, o pensamento de Guerreiro (1986), quando nos propõe a ideia de igualdade entre a literatura erudita e a literatura popular, pois ambas são feitas para o povo:

Ora não há poesia sem arte e a do povo só se nega ou se tem por simples, porque se ignora ou mal se conhece. O homem do povo, como o intelectual de gabinete utilizam os mesmos instrumentos na elaboração poética: palavras, inspiração e técnicas. E estas, se a escola as ensina também de ouvido se aprendem e consciente ou inconscientemente se aplicam; o processo poético é idêntico tanto no vulgo como no não vulgo. Supor o povo a cantar, como se seus versos lhe saíssem espontânea, instintivamente, sem estudo, sem a lucidez intelectual que preside a toda a criação artística é erro que só à ignorância, à alienação do quotidiano popular se deve. (GUERREIRO, 1986, p. 8)

Nota-se claramente a exposição dos artistas populares em uma condição de subordinação, de uma ligação próxima, porém não pertencente ao mesmo posto. Podemos, contudo, observar a marginalização desses poetas enquanto produtores literários, à medida que a literatura denominada oficial torna-se excludente, não considerando a popular de igual nível ou importância que a literatura produzida pelos cânones literários, causando certa barreira entre essas construções.

Hall (2005) eleva a cultura popular a uma cultura de elite de uma dada sociedade, e que, conseqüentemente, foi excluída da cultura dominante em uma dada época, evidenciando uma cultura contrária à cultura de massa, em outras palavras, a cultura popular é entendida como uma cultura que teve sua importância para grupos dominantes de uma determinada época, evidenciando ainda mais a separação indevida e preconceituosa.

Para Cucho (2002), a autenticidade presente na cultura popular a torna única e diferente das demais, seria, portanto, impróprio pensar em uma cultura subalterna, uma vez que, mesmo possuindo suas particularidades, caracterizadas como pertencentes a uma classe dominada, é simplesmente uma cultura rica e diversificada.

São aspectos inerentes à cultura popular no Brasil os ritos, os mitos, os símbolos, o folclore e as crenças, em resumo, tudo aquilo que foi criado, conservado e repassado são aspectos essenciais para que possamos reconhecer o lugar e a pertença de nosso povo. Portanto, não há como mencionar a cultura popular como uma cultura viva e diversa e negar a sua importância enquanto uma cultura pertencente ao nosso povo. Que possamos valorizar e preservar nossos costumes e tradições.

6 POESIA ÉPICA

De acordo com os estudos de Moisés (2013), a poesia épica é caracterizada por buscar apresentar em seus traços poéticos histórias e feitos grandiosos de um povo. Observa-se seu

caráter poético-narrativo, buscando exaltar figuras de destaque, que despertariam o interesse do povo. É perceptível em narrativas épicas que seus heróis nunca agem sozinhos, estão sempre apoiados em uma figura religiosa ou divindade.

Quanto à sua estrutura, observam-se cinco momentos, a proposição, a invocação, a dedicatória, a narração e o epílogo. A *proposição* consiste na apresentação do assunto a ser abordado; a *invocação*, momento em que é pedido o auxílio das divindades para com os heróis; a *dedicatória* consiste em apresentar a quem se dirige aquela epopeia ou a quem é dedicada; a *narração*, momento em que se traz o desenrolar da história, que, nesse caso, é o momento da descrição dos feitos heroicos; e, o *epílogo* é o fechamento da narrativa.

Massaud Moisés ainda indica que o princípio da poesia épica se dá com os poemas da *Odisseia* e *Iliada*, de Homero, séc. IX a.C. Embora hajam estudos que propunham que seu surgimento não se deu a partir dessas obras, acredita-se existir poesias dessa modalidade mais antigas, porém não há registros, e é uma questão que não pôde ser comprovada até os dias de hoje. Ou seja, embora a *Odisseia* e a *Iliada* sejam caracterizadas como poesias épicas principiantes, há indícios de construções épicas anteriores. Já posteriores às obras de Homero, há registros de epopeias na Índia, identificadas como *Ramayana*, de Valmiki, e *Mahabharata*, de Vyasa, séc. V a.C., entre outras que são constituintes fundamentais para o alicerce cultural do que hoje conhecemos por literatura épica.

Os romanos não ficaram para trás, também buscaram realizar construções épicas, a exemplo da *Eneida* (séc. I a.C.), que se utilizou da experiência garantida com os poemas Homéricos. Há outra grande obra épica construída no período do renascimento, que, por sinal, é muito conhecida por nós brasileiros: *Os Lusíadas*, que é considerada uma das mais atuais e importantes obras épicas.

Um dos primeiros estudos realizados para designar a poesia épica foi engendrado por Aristóteles, filósofo grego, o qual, em uma de suas obras, buscou defini-la, trazendo-nos comparações entre a poesia épica e a tragédia, exibindo-nos aspectos divergentes e comuns entre essas duas representações artísticas.

Procuramos exibir aqui uma breve conceituação da poesia épica, uma vez que ela será necessária no momento da análise do cordel em questão.

7 O CORDELISTA MARIANO FERREIRA DA COSTA

Mariano Ferreira da Costa é um poeta nascido no sítio Várzea Grande, próximo de Dona Inês (1957), filho de Maria Ferreira de Araújo e Manoel Ferreira Costa, mais conhecido

como Paizinho. Mariano teve uma vida não tão fácil, conheceu as dificuldades de trabalhar e estudar desde muito cedo. Seu pai, sabendo das dificuldades da vida no campo, o aconselhava a estudar e ir sempre mais além, mostrando que ali onde residia, com a enxada posta à mão, não iria conseguir muita coisa.

Impulsionado pelo pai e com o apoio da mãe, Mariano começa a estudar e encontra a primeira dificuldade, tinha que se deslocar a pé até a escola mais próxima. Quando surgiu transporte escolar, por volta dos anos 70, por sua família ser oposição ao prefeito da época, o poeta se viu impedido de estudar. Mariano, porém, não desistiu, partiu para estudar na cidade vizinha (Belém). Muitos anos depois, o poeta consegue uma bolsa de estudos no Colégio Marista, em Natal, e, posteriormente, em Recife, quando, então, decidiu tornar-se padre, passando sete anos no seminário. Por volta dos anos 80, o poeta consegue garantir uma vaga no curso de Filosofia, na Universidade Federal da Paraíba. Depois do curso, desiste totalmente de ser padre. Mariano Ferreira da Costa possui um vasto currículo: Bacharelado em Filosofia – UFPB / 1985; Licenciatura em Filosofia – UFPB / 1987. Possui pós-graduação em Ciências Ambientais – FIP / 2005; Mestrado em Ciências da Educação – 2018; Membro da Academia de Letras Sagrada Família; Foi diretor da Escola Estadual Machado de Assis – de 1984 a 1996; diretor da Escola Humberto Lucena – 2005/2006; Professor de Educação Religiosa em Dona Inês-PB (2012/2013); diretor do Espaço da Memória (2014/2017). O cordelista conta com um acervo de mais de 40 produções, dentre elas: *O luxo que vem do lixo*, *Força da juventude*, *Recicla Dona Inês*, *Mãe África*, *O Pequeno Príncipe do Sertão*, *Dona Inês, filha de uma paixão*, que é o cordel em estudo, entre outras obras. Além dos cordéis, é autor de vários poemas, sendo os temas principais: natureza, amor e questões sociais.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante do que foi explicitado nos capítulos anteriores, podemos observar a importância do cordel enquanto aspecto contribuinte para o enriquecimento da cultura brasileira, da cultura popular nordestina, e, em especial, da cultura do município de Dona Inês, na Paraíba. Esse estudo visa, portanto, exibir essa literatura como fonte privilegiada para o estudo da história do município de Dona Inês, na Paraíba.

Para tanto, é necessário afirmar que a partir dessa pesquisa se tornou possível caracterizar o cordel “Dona Inês, filha de uma paixão” como importante fonte de pesquisa histórica e cultural do referido município, por meio do qual tivemos a oportunidade de conhecer aspectos constitutivos de sua história, através dos versos do cordelista Mariano

Ferreira da Costa, que trazem desde relatos de seu surgimento a aspectos naturais, culturais e atuais do município em questão.

Buscamos aqui dar ênfase à cultura em um sentido mais abrangente e, em especial, à cultura popular e, dentro da cultura popular, à literatura de cordel, apontando a literatura como fonte cultural, evidenciando a importância dessas culturas para a construção e desenvolvimento de qualquer povo, em especial, do povo donaineisense:

A cultura é o conjunto de formas e expressões que caracterizarão no tempo uma sociedade determinada. Pelo conjunto de formas e expressões, entendem-se e incluem-se os costumes, crenças, práticas comuns, regras, normas, códigos, vestimentas, religiões, rituais e maneiras de ser que predominam na maioria das pessoas que a integram. (SOUZA, 2014, p. 11)

Uma vez que a cultura é tida como ponte para diferenciarmos-nos uns dos outros, buscamos apontar o cordel, nessa análise, como aspecto fundamental e mediador, funcionando como ponte de acesso à história, nos dando a oportunidade de exibir essa literatura de cordel como ponte constituinte entre a literatura e a história de nosso município.

O cordel “Dona Inês, filha de uma paixão” foi publicado no ano de 2015 e faz parte do Projeto: *Implantando cordeltecias em escolas públicas de Dona Inês*. Seleccionamos esse cordel, dentre tantos outros, justamente pela sua relevância enquanto aspecto constitutivo histórico e cultural para o estudo em questão.

Para que possamos situar melhor essa aventura amorosa que trata-se da história de Dona Inês, na Paraíba, contada em versos, buscamos realizar uma breve conceituação sobre a poesia épica, para que pudéssemos explicar e entender por que o poeta invoca uma divindade, “Deus”, para que possa encontrar inspiração para seus versos, para falar dessa importante história de amor. A linha 1 da estrofe inicial nos leva a realizar uma leve associação a uma poesia épica.

Peço a Deus inspiração
 Para em versos escrever
 A história de nossa terra
 Para quem deseja ler
 Conhecer nossa história
 Seu passado sua glória
 Sem uma vírgula perder
 (1)

A história contada em versos exhibe, de início, um romance muito forte entre Inês e o seu companheiro de viagem, cujo amor fez com que os dois saíssem sem destino, com a

certeza de viver um grande amor. Foi a partir daí que a história do surgimento do nome de nosso município começou:

Nos idos do século XVIII
 O povoado nasceu,
 No pé de um penedo
 A história aconteceu
 Inês, mulher valente
 Tirou seu negro da corrente
 E se amor a ele se deu...
 (9)

Observa em determinados trechos a veracidade do poeta em narrar os fatos fielmente, não esquecendo que em alguns trechos temos representações fantasiosas, a exemplo das primeiras estrofes.

Movida por uma paixão
 Inês enfim revelou
 Que o coração que bate no peito
 Bate também por amor
 Ouvindo sua batida
 Embora muito sentida
 Ao negro se entregou
 (2)

Será que a história contada pelos dois integrantes era mesmo verdadeira? Por que, então, Inês não pediu abrigo por ali mesmo, já que dizia ser de tão distante? Ora, de Pernambuco para a então futura Serra de Dona Inês era muito distante, esses são traços expostos pelo poeta, que também têm relação com as histórias contadas e recontadas pelo nosso povo.

Nas estrofes 11-13 busca explicitar o surgimento das primeiras ruas oficiais do município, caracterizando a igreja mãe como um patrimônio responsável pelas primeiras instalações de famílias naquela localidade, e também aponta aspectos culturais, a exemplo da igreja mãe, que é uma espécie de cartão postal de nosso município, uma das construções mais antigas, exibindo também aspectos geográficos, “curimataú Oriental”, e turísticos da cidade, a exemplo da nossa reserva florestal, “a mata do Seró”.

No curimataú Oriental
 Dona Inês está plantada
 Entre serra e dois biomas
 Mata serrana falada
 A reserva do Seró
 Que os pássaros em nota dó
 Cantam sua toada...
 (11)

Do outro lado a caatinga
 O marmeleiro pelado
 Guardando-se para o inverno
 O juazeiro e o gado
 Xique-xique e a macambira
 Para todo lado que mira
 O bioma conservado
 (12)

Plantado no alto da serra
 O povoado cresceu
 Em torno da igreja Mãe
 E com as bênçãos de Deus
 Mais tarde tornou-se vila
 E as primeiras famílias
 Aqui se estabeleceu...
 (13)

Observa-se, ainda, na estrofe 12, que além de preocupar-se em registrar aspectos historiográficos de nosso município, Mariano ainda busca exibir nossa vegetação e belezas naturais, funcionando como uma espécie de convite para quem ainda não conhece a serra e a nossa vegetação.

A estrofe 14 faz menção às primeiras famílias do município, nos versos 1, 2 e 3 podemos observar a presença da família de José Paulino da Costa, família Teixeira e a família Teodoro, que foram as primeiras a se instalarem em nosso município. Foi a partir da chegada desse povo que a futura Dona Inês começou a ser povoada.

José Paulino da Costa
 Com a família Teixeira
 Juntaram-se ao Teodoro
 Formaram aqui a Trincheira
 Pensando na emancipação
 Com trabalho e união
 Libertar-se de Bananeiras...
 (14)

Ainda, na estrofe seguinte, nas linhas 1, 3 e 5, o poeta faz referência aos que lutaram arduamente pela independência, para que deixássemos de ser distrito da cidade de Bananeiras, a qual, por muito tempo, manteve-se no poder em relação ao até então povoado.

Com base em pesquisas realizadas através da história oficial encontrada no site da Prefeitura Municipal, essas famílias tinham certa força, justamente por serem representantes do povo na Câmara de Bananeiras: o senhor José Tomaz de Aquino, que carregava consigo o título de professor, e como vereadores, os senhores Manuel e Lulinha, que partiram em busca

de seus ideais, conseguindo o desmembramento de Bananeiras para com a Serra, uma luta travada que perdurou quase uma década inteira.

O senhor Leonel Paulino
 Por pura ideologia
 Convidou o senhor Lulinha
 E para formar a triologia
 Com José Tomaz de Aquino
 Mostrando que o destino
 E só com democracia
 (15)

Esse trio reunido
 Em prol de um ideal
 Com debate e discussão
 Na assembleia Estadual
 Escreveu nossa história
 Dona Inês conta vitória
 Do sertão ao litoral
 (16)

O poeta, ao versar, nos permite observar a importância dessas pessoas enquanto representantes do povo na época, e nos versos seguintes busca fazer um paralelo entre o presente e o passado, mostrando o quanto a cidade cresceu e evoluiu tanto economicamente, como culturalmente, dando a qualidade de hospitaleiros, exaltando nosso povo:

Hoje ela está madura
 Meio século de existência
 Com um povo hospitaleiro
 Mostrando com sapiência
 Deposita sua fé
 E em Jesus de Nazaré
 Está toda sua crença
 (17)

Uma cidade estruturada
 Com olhar futurista
 Valorizando a cultura
 Meio ambiente e turista
 Mantendo a tradição
 Com trabalho e ação
 Alimentando a conquista
 (19)

Mas tem algumas carências
 Para turismo avançar
 Resolver alguns gargalos
 Precisamos conversar
 Para os problemas resolver
 E o turismo crescer
 Vamos as magas arregaçar.

(20)

Na estrofe 20, tornou-se possível perceber um convite dirigido à população, a qual toma por tarefa a responsabilidade de mover-se para que a cidade possa crescer ainda mais culturalmente, nos dando a ideia de uma cidade que tem potencial para desenvolver o turismo. Para isso, é necessário que a população se organize em prol desse objetivo, e essa potencialidade será exibida nos versos seguintes, nos quais o autor passa a divulgar os pontos principais da cidade:

Dona Inês tem um lajedo
 Para toda geração
 O turista que aqui vier
 Terá muita satisfação
 Verá que nossa beleza
 Tem como base a natureza
 Seja inverno ou verão.
 (22)

Escrita no “Anda Brasil”
 Caminhadas na natureza
 No segundo sábado de Julho
 Cachoeiras sem correnteza
 Venha conosco caminhar
 Nossas belezas apreciar.
 Em cada canto uma surpresa...
 (23)

Temos a trilha do vaqueiro
 Cem por cento na caatinga
 Onze quilômetro de aventura
 Ponha água na moringa
 Ouvir o aboio e o chocalho
 O pássaro cantando no galho
 No rosto o suor pinga...
 (24)

Temos pousada rural
 Em área de assentamento
 Peixe assado na hora
 Deixe o turista a contento
 Galinha de capoeira
 Com cuscuz e macaxeira
 Tudo na mesa no mesmo tempo.
 (26)

Tem banho no açude Grande
 Uma cervejinha gelada
 Orgânica é a verdura
 Peixe frito e carne assada
 Tem escalada e rapel
 Para o turista tiro o chapéu

Lá na pedra lavrada
(28)

O poeta termina seus versos fazendo uma exaltação à terra (Dona Inês):

Dona Inês é boa terra
Para viver e sonhar
Aqui em cima da serra
Não pode existir melhor lugar
Tem a beleza do sol
Colorindo o arrebol
Quem visita quer voltar.
(32)

Nota-se durante todo o percurso descrito no cordel a valorização dos aspectos históricos, culturais e turísticos. O olhar atento do autor em observar os mínimos detalhes de cada recanto do município estabelece individualidades sobre nosso povo, sobre nossa formação. Foi possível, através desse cordel, tomar consciência da importância da transmissão de histórias orais, que assumiram um papel fundamental na construção desse cordel biográfico que retrata o início da representação de um período histórico que se passa no município por volta do século XVI, e a transmissão oral se configura como principal fonte para o levantamento dos primeiros estudos.

É notável a preocupação por parte do cordelista em registrar essa história de uma forma prazerosa e de fácil acesso, nota-se, em alguns trechos, que nem tudo que há no cordel é original, temos alguns versos fantasiosos que acredita-se, por questões estéticas, para enriquecimento do cordel.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura de cordel sempre foi uma de minhas paixões, e não poderia finalizar minha graduação sem exibir a sua devida e merecida importância. Certa de que essa literatura ainda precisa ser muito mais valorizada, buscamos, no decorrer desse estudo, exibir um pouco do seu poder enquanto fonte de saberes populares de grande valor para o enriquecimento cultural do nosso povo.

Embora tenha chegado há muito tempo no Brasil, inicialmente no Nordeste, e garantido aqui sua força, sabemos que essa modalidade literária ainda não é muito estudada, o que, de certo modo, nos causa um certo desconhecimento acerca de seu valor no campo literário. Pensando nessa e em outras possibilidades, realizamos, através desse estudo, uma apresentação histórica e cultural do município de Dona Inês, na Paraíba, com base na história

oficial e na história narrada em versos, na qual, durante todo o seu percurso, retratamos o poder desse estilo literário para o desenvolvimento da referente pesquisa.

Através dessa pesquisa foi possível conhecer um pouco de onde veio o termo cultura, de quando surgiram as primeiras ideias sobre o mesmo, de como surgiu, por que surgiu, e também apresentamos para os leitores informações acerca da cultura em um sentido geral e, em seguida, para a cultura popular, que é o segmento específico ao qual se encaixa perfeitamente a literatura de cordel, buscando explicitar em um estudo mais aprofundado sobre sua origem, por que utilizar essa designação de literatura popular. Para isso, contamos com ajuda do crítico literário Aderaldo Luciano, o que facilitou muito a nossa compreensão durante o estudo em questão.

Conseguimos, com o levantamento dessas informações, evidenciar, além da função e do espaço que o cordel ocupa no campo literário, a consciência de seu valor literário e histórico para nosso povo. A referente pesquisa nos permitiu promover a literatura de cordel como aspecto contribuinte para o enriquecimento da cultura brasileira, cultura popular nordestina, e, em especial, a cultura do município de Dona Inês, na Paraíba.

O cordel denominado “Dona Inês.Filha de uma paixão” nos permitiu, de forma mais prazerosa, divulgar, além de sua história, o potencial turístico que nossa cidade possui, garantimos também a consciência da importância das transmissões de histórias orais para o levantamento dos primeiros estudos, a qual assumiu um papel fundamental para elaboração e organização desse cordel biográfico, cujo início da representação remonta um período histórico que se passa no município por volta do século XVI.

Percebemos, durante essa pesquisa, a necessidade de mantermos um olhar mais voltado para o estudo e valorização da cultura popular, para que possamos entender o real valor desse patrimônio artístico e cultural para o povo brasileiro e agora com esse estudo, em especial, para o povo donaineisense.

A STUDY ON THE ORIGIN AND CULTURE OF THE DONA INÊS MUNICIPALITY
THROUGH CORDEL "DONA INÊS, DAUGHTER OF A PASSION" BY MARIANO
FERREIRA DA COSTA

ABSTRACT

The cordel literature, even though it is a literary modality that has been introduced for many years in Brazil, initially in the northeast and guaranteeing its strength here, is a literature not yet studied, which causes us to be unaware of its great importance as a cultural source of

popular knowledge our people, based on this statement, this study aims to present a historical and cultural study of the municipality of Dona Inês in Paraíba, through the line titled "Dona Inês. Daughter of a Passion" by Mariano Ferreira da Costa. In order to carry out this research it was necessary to go to the field to collect data and we also have bibliographic help for its construction, for this we take as a theoretical contribution Laraia (2006), Luciano (2012), Diégues (1983) and Cucho (1999). This research aims to promote literature of cordel as important historical popular source, also exhibiting its importance for our municipality as a contributing aspect for the cultural construction of our people.

Keywords: Culture. Popular culture. Cordel.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).
- CAMPOMORI, M. J. L. O que é avançado em cultura. In: BRANDÃO, C. A. (Org.). **A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos Temáticos da literatura de cordel. In: **Literatura popular em versos: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia, Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 1986.
- GUERREIRO, M. V. **Literatura popular: Em torno de um conceito**, 1986. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/cancioneiro/etnografia/manuelViegasGuerreiro-literaturapop.doc>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário dos termos literários**. 12. ed. rev., amp. e atual. São Paulo: Cultril, 2013.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE DONA INÊS. Disponível em: <<http://www.pmdonaines.pb.gov.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- SANTOS, Manuela Fonseca. A literatura de cordel. **Revista de Estudiosos Iberoamericanos**, [S.l.], n. 2, p. 85-86, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.opalc.org/val/media/val2/23val2fonseca.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013.

SOUZA, Gerson Martins de. **Cultura popular**. Brasília: Projeção, 2014.